

ENTRE VOZES E RUÍDOS: A COMUNICAÇÃO NA ERA DA CONEXÃO PERMANENTE



Há épocas em que a humanidade parece falar para construir o mundo. E há épocas em que ela fala para não desaparecer completamente dele. Em todas elas, permanece uma certeza: a comunicação é uma necessidade básica da vida social, uma forma de presença, de reconhecimento e de pertencimento.

A nossa época talvez pertença a essa segunda categoria. Nunca se disse, escreveu, comentou, compartilhou e reagiu com tamanha intensidade. A palavra, que durante séculos dependeu do tempo, da distância e da espera, passou a viver submetida à pressa. Em tempos de imediatismo quase irrefreável, ela já não amadurece como antes. Agora, pisca, vibra, surge na tela e, quase no mesmo instante, dissolve-se no fluxo seguinte. A comunicação, na era da internet, tornou-se menos um gesto de permanência e mais um exercício contínuo de presença.

A internet alterou profundamente os sentidos da fala. Derrubou fronteiras, encurtou espaços e deslocou antigos centros de emissão. Deu visibilidade a sujeitos que raramente encontravam lugar na esfera pública. Experiências antes confinadas ao silêncio, à margem ou ao esquecimento ganharam circulação, reconhecimento e disputa. Em muitos sentidos, democratizou a possibilidade de dizer. E toda ampliação da palavra, numa sociedade marcada por desigualdades de visibilidade, carrega algo de emancipador.

Mas as conquistas de uma época quase nunca vêm desacompanhadas de seus impasses. Se, por um lado, a rede ampliou a voz, por outro, também modificou a escuta. Se multiplicou

mensagens, fragmentou atenções. Se aproximou corpos ausentes pela técnica, não garantiu, por si só, a intimidade do encontro. A comunicação digital nos colocou diante de um paradoxo delicado: estamos cada vez mais acessíveis uns aos outros e, ao mesmo tempo, cada vez mais difíceis de alcançar em profundidade.

Isso ocorre porque a internet não apenas acelerou a circulação das palavras. Ela transformou a própria condição de existência da palavra pública. Hoje, não basta dizer; é preciso aparecer dizendo. Não basta formular; é preciso reagir a tempo. Não basta pensar; é preciso converter o pensamento em linguagem adequada ao ritmo da plataforma. Aos poucos, a comunicação deixa de ser apenas travessia entre sujeitos e passa a ser também administração da própria presença. Cada frase traz consigo não só um conteúdo, mas uma disputa por atenção num ambiente em que tudo chama e quase nada permanece.

Marshall McLuhan percebeu, muito antes da era das redes sociais, que o meio nunca é neutro. Cada tecnologia carrega uma pedagogia invisível: ensina ritmos, molda sensibilidades, redefine a percepção do tempo e reorganiza a relação com o outro. A internet radicalizou essa intuição. Não mudou apenas o modo como transmitimos mensagens. Mudou também o valor simbólico da velocidade, da exposição e da resposta. A palavra já não precisa apenas fazer sentido; ela precisa circular. E circular cada vez mais depressa.

Nesse ambiente, a comunicação convive com uma tentação permanente:

a de se reduzir a desempenho. Mede-se o alcance, a retenção, a repercussão, a taxa de engajamento, a visibilidade. A palavra, antes associada à elaboração, à memória e à interlocução, torna-se cada vez mais sensível à lógica da métrica. É quase inevitável que algo se perca nesse processo. Porque nem tudo o que importa se presta ao cálculo do impacto. Nem toda ideia amadurece sob o império da urgência. Nem toda escuta sobrevive à ansiedade de responder.

Talvez resida aí uma das melancolias discretas do nosso tempo. Nunca estivemos tão acompanhados por mensagens e, ainda assim, tão expostos ao risco do mal-entendido, da dispersão e do vazio. A conexão permanente não aboliu a solidão; apenas a revestiu de notificações. Ter interlocutores em abundância não significa encontrar alguém diante de quem a linguagem possa repousar. Muitas vezes, fala-se muito e encontra-se pouco. Em meio ao excesso de contato, a comunicação torna-se uma experiência superficial.

E, no entanto, seria injusto olhar para esse cenário com o simplismo dos nostálgicos. O passado da comunicação não foi um paraíso de profundidade, delicadeza e escuta. Também houve silêncios impostos, vozes interditas e centros monopolizadores da fala legítima. A história nos mostre que toda época escolhe o que amplifica e o que apaga. A nossa escolheu ampliar a emissão. Resta saber se conseguirá preservar as condições mais raras da compreensão.

Isso porque comunicar não se trata apenas falar. É criar uma zona de partilha em que o outro não apareça como plateia, dado ou número, mas como

presença. É transformar linguagem em vínculo, e não apenas em circulação. É aceitar que algumas palavras precisam de demora, que alguns sentidos exigem contexto e que certos silêncios não são falhas do discurso, mas parte essencial dele. A internet nos ensinou a estar disponíveis, mas ainda não está claro se seguimos (ou conseguimos) aprendendo estar verdadeiramente abertos.

No fundo, talvez a questão decisiva não seja tecnológica, mas humana. O problema não está apenas nas telas, nas redes ou nos algoritmos, embora todos eles importem. O problema está em saber o que faremos com a palavra quando tudo à nossa volta a empurra para a velocidade, para o reflexo e para a exibição. Há épocas em que preservar a espessura da comunicação se torna quase um ato de resistência: falar sem ceder inteiramente ao ruído, escutar sem ansiedade de resposta, escrever como quem ainda acredita que uma frase pode durar mais do que um instante.

A internet nos conectou de maneira rápida e inédita, mas permanece em aberto uma pergunta mais antiga e mais difícil: será que, entre tantas vozes que se cruzam sem repouso, ainda seremos capazes de conversar ou estaremos apenas aperfeiçoando, com admirável eficiência, as formas contemporâneas da incomunicabilidade?



Andreson Borges

Cientista Social pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Professor de Sociologia e Educador Social. Atualmente é Assistente de Pesquisa na área de Estudos e Pesquisas da Fundação Juntos Podemos.

